

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
(PUC-SP)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**GABRIEL KENZO SOEDA MARTINS
Orientador: PROF. DR. ALBERTO LUIZ SCHNEIDER**

**Um debate sobre nação (1870-1909): produção euclidiana e
círculos intelectuais na consolidação republicana.**

**SÃO PAULO
2021**

Sumário

Resumo	3
Introdução e Contextualização	3
Fontes	11
Discussão teórico-metodológica.....	12
Justificativa.....	18
Cronograma de trabalho	19
Fontes	20
Bibliografia.....	20

Resumo

Euclides da Cunha (1866-1909) foi um sujeito histórico que abordou extensamente temas políticos durante a consolidação do regime republicano no Brasil. Marcado por *Os sertões*, o autor fluminense fez ainda diversas outras produções que são atravessadas por uma preocupação: a organização do Estado-Nação em território nacional. Conceito oriundo dos processos políticos europeus dos séculos XVIII-XIX, Euclides se debruça extensamente sobre como que o Brasil poderia ingressar na “marcha das sociedades” ocidentais. Nação, raça e meio, conceitos que permeiam os exames do autor, dialogam com um circuito de intelectuais que os tornam legíveis, criando assim um círculo de enunciações que debatem sobre o assunto. A nação com seu “cerne legítimo da raça” é uma construção para além de cientificista, política. Nos custa então problematizar essas construções, examinando como que autor e demais indivíduos em diálogo extenso produziram paradigmas e debateram soluções para um território que ainda indagava sua “identidade nacional”.

Introdução e Contextualização

O projeto tem por objeto de pesquisa o tema da nacionalidade na produção de Euclides da Cunha (1866-1909). Percorrendo os círculos de intelectualidade por onde o debate sobre nacionalidade tomou conta, o estudo está contido no recorte temporal que se estende entre o início dos debates cientificistas na década de 1870 até o período de transição e consolidação da República no Brasil. Ao conter vários *topoi*, o tema “nacionalidade” nos textos euclidianos permite um estudo tanto da dimensão política do autor como de sua inserção em um debate conservador, elitizado, porém com componentes sociais marginalizados do aparato político republicano. Estudar os lugares-comuns da intelectualidade e as particularidades euclidianas através das fontes de Euclides e seus contemporâneos é a via-mestra do projeto.

O recorte temporal em questão inicia-se nas bases da década de 1870 e sua conhecida “Geração de 1870” de “letrados”. A categoria remonta à uma politização dos espaços acadêmicos através de um desencontro entre as tradições institucionais e os novos repertórios adquiridos com a cultura europeia.¹ Positivismo e racialismo eram hasteados dentro de uma nova elite letrada em ascensão que buscava uma atualização do conceito de nacionalidade, em

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930* - São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (p.33-57)

vias de retratar a sociedade brasileira e seus diversos aspectos, traçando veios comunicativos com os problemas e teorias do continente europeu.

Sobre os componentes que integraram essa Geração, os estudos de Ângela Alonso nos permitem compreender quais foram os vetores políticos, sociais e econômicos que participaram do seu processo de formação. O gabinete de Rio Branco (1871-1875) instaurou uma série de reformas que afetavam diretamente as configurações do espaço urbano, principalmente da Corte: reformas comerciais, de infraestrutura, secularização das instituições, o censo da população e, com todas essas medidas em voga, uma reforma do ensino superior capaz de atender às novas demandas de mão de obra especializada, ampliando seu acesso para novas camadas da sociedade.²

Nesse mesmo período, o processo de crise política e estrutural do Império foi acompanhado pelo questionamento da ordem saquarema que homogeneizou os quadros das instituições políticas. Composto por letrados que estavam à margem da política imperial, a Geração de 1870 compartilhou experiências e narrativas que expurgavam certas ideias tradicionais, em troca de um conjunto de outras ideias oriundas da Europa.³ O cientificismo de Taine, marcado pelo determinismo que amalgamava ciências sociais e naturais, era um novo horizonte de problemas para uma intelectualidade que rompia com o romantismo indianista da corte. Adstrito ao cientificismo estava o racismo, que rompia o silêncio romancista sobre o negro trazendo este à formação nacional de maneira negativa, subordinando-o a outros níveis de hierarquização. Schneider afirma que, com essa contestação de uma ordem saquarema, a geração começava a atualizar “a compreensão sobre a diferença e a desigualdade herdadas do passado escravocrata.”⁴

Euclides da Cunha, em relação de hereditariedade com a Geração de 1870, fez parte dessa “elite marginalizada” definida por Alonso.⁵ Filho de pequenos proprietários rurais e órfão da mãe logo no início de sua infância, o jovem Euclides passaria pela casa de diversos parentes, frequentando uma diversidade de escolas que se encontravam no meio urbano. A sua formação superior, na Escola Militar da Praia Vermelha (1886), ilustra bem os componentes sociais e intelectuais que formaram boa parte da compreensão de Euclides.

² ALONSO, Ângela. *Flores, Votos e Balas: O Movimento Abolicionista Brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.72

³ SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Machado de Assis e Silvio Romero: escravidão, “raça” e cientificismo*. Almanack, Guarulhos, n. 18 p. 451-488, Abr. 2018. p.454.

⁴ Ibidem. p.456.

⁵ ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. - São Paulo: Paz e Terra, 2002. (p.42-43)

Fornecendo soldo, comida e alojamento para seus estudantes, a Escola Militar contemplava aqueles que, como Euclides, não tinham condições financeiras para ingressar na Politécnica. Sua grade curricular, analisada por José Carlos Santana, era composta pelas reformas de 1874 de cunho “positivista, evolucionista e determinista”⁶. Um dos aspectos de relevo, segundo o historiador, seria a ênfase na formação de uma “ciência básica” para os engenheiros. Consta, assim, na formação de Euclides, matérias de aritmética, topografia, mineralogia, botânica, geologia e química, para citar algumas. Essas matérias, em menor ou maior grau, comporiam em tempo posterior os *topoi* discursivos do autor.

De formação eclética e imbuída nas revistas de produção estudantil a Escola Militar foi terreno fértil para a produção de jovens letrados que se inseriam no debate político do país. Na politização da questão abolicionista e no esteio da perspectiva decadente do Império, o campo de ideias em que Euclides se encontra é caracterizado pela quase unanimidade do republicanismo e a consciência de que, crenes no progresso de cunho europeu, as ciências são as ferramentas do progresso nacional.

A redação intitulada “Revolucionários”, rascunhada em seu caderno e posteriormente publicada em *A Província de São Paulo* (1888), nos demonstra o sentido de “pátria”, “civilização” e “progresso” em uma das primeiras produções textuais de Euclides sobre o assunto.

*Mais, talvez, do que filho de uma região, o homem da modernidade é filho do seu tempo. Vinculado ao território pela tradição e pela família, a humanidade, que é a generalização desta, e a história que é a síntese daquele – vinculam-no ao seu século. Compreender a Pátria, com um ou outro desses elementos isolados, é incompatibilizar-se com o movimento evolutivo do progresso; é a partir do egoísmo infecundo e criminoso de Bismarck, que só aspira ao progresso da Alemanha – ao altruísmo exagerado e não menos infecundo de Anarchasis Cloots, declarando-se cidadão – do MUNDO. A marcha das sociedades traduz-se hoje melhor pelo equilíbrio dinâmico dessas duas concepções.*⁷

O excerto acima expõe uma compreensão em mão dupla acerca da organização de um Estado-Nação. Por um lado, há a localidade, os aspectos característicos de um *estilo* de uma nação. Por outro, há o movimento da história, onde o *ethos* do século está adstrito ao movimento da humanidade, generalização das várias sociedades. Euclides entrevê nesse panorama uma

⁶ SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e da arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais* – São Paulo: Hucitec – Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana, 2001. P.40-47.

⁷ CUNHA, Euclides da. *Revolucionários* [1888]. (Grifo nosso) In: CUNHA, Euclides da. *Ensaio e Inéditos* / Euclides da Cunha; Leopoldo M. Bernucci, Felipe Pereira Rissato (Orgs.); Leopoldo M. Bernucci, Francisco Foot Hardman (Coords.). – São Paulo: Editora Unesp, [2018a].

marcha das sociedades: idealização humanista que prevê um progresso da humanidade como um todo, mas sem extirpar o papel diferenciador do Estado-Nação. O significado desse conceito é vital: permeia futuramente, com certas revisões, todo o aparato discursivo e teórico com que Euclides aborda a questão nacionalista.

O discurso de cunho nacional não é exceção ao debate do momento. Explicita a relação do autor com pensamentos da Geração de 1870. Roberto Ventura, em *Estilo Tropical*, adentra os debates de nação propostos em círculo intelectual diminuto, porém em expansão. Araripe Júnior e Sílvio Romero também se ocupariam com a questão nacional, concebendo-a como o processo de assimilação das matrizes europeias e suas transformações em solo tropical.⁸ Seja pela influência do meio (Araripe), seja pela mestiçagem das raças (Romero), o eixo de comunicação entre local e “geral-europeu” foi o eixo do debate.

As propostas acima ainda recorrem a um outro dado importante: *a mestiçagem passa a ser tratada como uma particularidade nacional*, um *estilo*, nas palavras de Ventura.⁹ Dentro de um panorama das discussões sobre identidade e Estado, predomina o conceito de “nação” que contempla o papel estatal de homogeneizar a sociedade. Encontrar o *estilo* da nação é encontrar sua identidade.

Aqui se constrói o cenário com que o projeto busca problematizar. O IHGB (1838) foi um marco dos esforços do Império de erguer uma história para chamar de sua. Em *Como se deve escrever a história do Brasil* (1845)¹⁰, Carl Martius atribui a mestiçagem como o cerne da singularidade brasileira. Para o naturalista que viajou ao Brasil (1817-1820), escrever uma história do país é o equivalente a estudar a influência das “três raças” na formação nacional. Ventura¹¹, Murari¹² e Bernucci¹³ enxergam uma linha de influência direta, onde o ensaio de Martius serviu como base para os trabalhos de Varnhagen (1851) e de Romero (1888), integrando assim o panorama historiográfico para as produções euclidianas.

O problema, entretanto, está na maneira como esse projeto de “história nacional” colide diretamente com a outra parte do repertório dos letrados brasileiros: o racismo, ramo da ciência do século XIX que buscava discriminar agrupamentos humanos levando em conta

⁸ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914* / Roberto Ventura. - São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.36-37.

⁹ VENTURA, Roberto. Op. Cit. p.47-50.

¹⁰ MARTIUS, Carl Friedrich P. von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. In. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro: RIHGB, T. 6, p.389-411, 1844.

¹¹ VENTURA, Roberto. Op. Cit. p.30.

¹² MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões*. - São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007. p.57-60.

¹³ BERNUCCI, Leopoldo M. *Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os Sertões*. REVISTA USP, São Paulo, n 54, p 6-15. junho/agosto 2002.

aspectos tanto étnicos quanto biológicos. Obras difundidas em solo nacional como as de Buffon, Gobineau e Buckle acompanharam as linhas do tradicional racismo europeu. A mestiçagem, reconhecida por Buckle e seus leitores como característico do Brasil, seria o fator que condenaria qualquer convivência em sociedade “civilizada” no país. Logo, o que caracteriza o sentido brasileiro de nacionalidade é também aquilo que o condena de se integrar ao movimento do “progresso” das nações. É o abismo intransponível que o debate intelectual brasileiro procurou solucionar.¹⁴

Esses são alguns dos elementos teóricos que compuseram o arcabouço do debate nacional. A obra de Buckle, *History of civilization in England*, com suas poucas páginas destinadas ao pessimismo em relação à “mestiçagem brasileira”, é um dos exemplos de como se deu relações interdiscursivas nos círculos letrados na consolidação do Brasil República. Obra lida por Euclides, Araripe, Romero e até mesmo Capistrano, o seu conceito de condenar a mestiçagem é encontrado nas entrelinhas de vários autores inseridos no tema. Não sendo nenhum referencial teórico sobre racialismo¹⁵ na Europa, e sim mera reprodução de um repertório racista europeu, o excerto de Buckle sobre o Brasil foi uma das forças motrizes do debate.¹⁶

Há, porém, outra questão fundamental para compreender os referenciais teóricos europeus no debate nacional. O uso de autores como Buffon, Gobineau, Spencer, Haeckel, Le Bon, Gumplowicz, Lombroso e vários outros dentro de um mesmo debate revela dado espantoso: a *descontinuidade* entre as referências europeias. De gerações distintas e com bases teóricas por vezes dissidentes, os teóricos supracitados geram conflitos internos ao debate, como mostra o estudo de Costa Lima sobre as incoerências teóricas em *Os sertões*.¹⁷ Conforme aponta Castro Celso, acerca da cultura e debate político nos círculos de formação militar, as divergências entre os autores europeus eram amortecidas pela “fé generalizada” na ciência e no progresso.¹⁸ O tom político seleciona sua base teórica não pela coerência entre os textos, e sim por sua aplicabilidade e/ou circulação ampla dentro dos convívios entre intelectuais.

¹⁴ SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Capítulos de história intelectual: racismos, identidades e alteridades na reflexão sobre o Brasil*. – 1ª ed. – São Paulo: Alameda, 2019. p.119-126.

¹⁵ Racialismo é o campo das ciências do século XIX que se dedicavam a reproduzir o pensamento racista através de conceitos das ciências biológicas e das sociais. A distinção com o termo “racista” advém do fato de estarmos estudando as duas instâncias – intelectual e política – sobre os debates de “nação” e “raça”. A definição de racialismo é de: TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*, v.1 – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1993.

¹⁶ MURARI, Op. Cit. [2007]. p.65-70.

¹⁷ LIMA, Luiz Costa. *Terra Ignota: A construção de Os Sertões* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

¹⁸ CASTRO, Celso. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (p.72-74)

Ainda sobre os estudos de Lima, *Os sertões* (1902) foi obra que se autoprotejou como um livro de interpretação nacional. Na nota introdutória, Euclides deixa claro que sua produção era uma tentativa de esboçar os traços das sub-raças sertanejas no Brasil para usufruto de futuros historiadores.¹⁹ Entretanto, ao final da mesma nota, esclarece que o livro é também de denúncia: o massacre em Canudos foi um “crime”.²⁰ Apontado a inconsistência teórica euclidiana, Lima problematiza o “consórcio entre ciências e arte”²¹ em que o livro se projeta. Para o pesquisador, a obra possui um profundo tom político, já que a denúncia do “crime” *não* é coibida pelas bases científicas de que se utiliza.²² A composição d’*Os sertões* seria, então, ocupado na subcena por um “essencialismo nacional” vestido de caráter científico.²³

Logo, os discursos sobre nacionalidade seguem uma linha que não separa dimensão intelectual de política. Nicolau Sevcenko nos ajuda a compreender essa mistura dos dois campos dissertando sobre uma autoimagem de diversos dos literatos no período da consolidação da República. Dentro do “inferno social” da transição republicana, com sucessivas crises econômicas, esse seleto grupo literário viu ainda um esfacelamento de seus projetos políticos em prol do retorno e solidificação da elite latifundiária nas instituições.²⁴ Insegurança social e descontentamento político formavam um cenário fecundo para ressentimentos, críticas e (re)interpretações sobre o que “deu errado” no país.²⁵

Euclides faria parte dos literários “paladinos malogrados” que, segundo Sevcenko, julgariam moralmente a sociedade da especulação financeira, do espírito puramente mercadológico e dos “empréstimos” culturais que transformariam o Rio de Janeiro numa cidade afrancesada. No caso do autor, além do ofício de engenheiro pouco rentável que o colocaria em uma série de viagens ao interior de São Paulo, haveria também o desencanto direto com a política republicana. A prisão do general Sólton Ribeiro, sogro de Euclides, e suas subsequentes

¹⁹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)* / Euclides da Cunha; edição; prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. – 5. ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP editora, [2018b]. p.65.

²⁰ Ibidem, p.67. Nas notas da Segunda Edição, Euclides afirmaria o fato de seu livro não ser de defesa aos sertanejos, e sim, de ataque à ação militar republicana. Ver: Ibidem, p.784.

²¹ A noção de que *Os sertões* é obra literária e científica não só foi historicamente sustentada pela crítica, como também alimentada pelo próprio Euclides. Para efeito do estudo, é uma *autoimagem*. Ver carta resposta a José Veríssimo (03/12/1902) em: GALVÃO, Walnice Nogueira. *Correspondência de Euclides da Cunha* / Walnice Nogueira Galvão, Oswaldo Galotti. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p.143-144.

²² LIMA, Luiz Costa. Op. Cit. [1997] p. 27.

²³ LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.381-383.

²⁴ Ver algumas cartas de Euclides da Cunha sobre seu ressentimento e fé republicanos: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. Cit. p. 46, 52-53, 57.

²⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* [1983]. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.93-128.

polêmicas que renderiam o seu afastamento do Rio para Campanha (1894),²⁶ ilustram bem os motivos com que o autor, em cartas para seus íntimos, diz se alienar deliberadamente de assuntos políticos. Não deixa, entretanto, de fazer críticas morais ao sistema.²⁷

Marginalização política, teses racialistas, a questão do Estado-Nação e seu papel, circuitos de literatos e instituições que mantinham em suas grades um ensino eclético: são partes de um horizonte histórico, sociológico e literário inextirpável na compreensão do tema “nacionalidade” na literatura euclidiana.

Esse cenário é um fenômeno que foi sentido dentro dos processos de urbanização e transformação do sistema financeiro ao redor dos países ocidentais. Conforme afirma Hobsbawm, os processos de democratização e politização da sociedade na segunda metade do século XIX foram seguidos por uma perspectiva decadentista das elites conservadoras. A “crise da razão” na “era das massas” foi uma tradição de pensamento conservadora oriunda da urbanização acelerada do período que permitiu uma concentração demográfica. Essa concentração, por sua vez, engatilhou movimentos políticos dissidentes. Como resposta, as questões ao fim do século na Europa promoviam uma especialização maior das chamadas “ciências sociais”, enfatizando os campos da etnologia e da sociologia.²⁸ Le Bon, Gumplowicz e Ernest Renan, todos teóricos do racismo europeu lidos por Euclides, já discutem de maneira mais explícita sobre coesão social, hegemonia nacional e a legitimidade do governo em seguir com sua função de hegemonizar a sociedade.²⁹

Logo, o repertório de Euclides ao redigir *Os Sertões* (1902) já é bastante complexo. Une o racismo clássico com as ciências sociais de seu tempo. O tema do nacionalismo ora segue pelo campo da preocupação em erguer-se para a “marcha das civilizações”, ora é a preocupação em não haver qualquer eixo racial “estável” que “funde a nacionalidade”. Os artigos que formam o corpo de *Contrastes e Confrontos* (1907) e *À Margem da História* (1909) foram seguidos pelo mesmo contexto histórico.

À guisa de conclusão desta seção, o recorte temático do projeto segue pelo caminho da consolidação do espaço público e da rede de debates de letrados marginalizados pelo aparato político. Mesmo após a República, as desilusões políticas desse grupo foram catalisadas pelas

²⁶ AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos Trópicos* – tradução Geraldo Gerson de Souza. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. p.83-84.

²⁷ O tema da alienação voluntária de Euclides está presente em várias cartas posteriores ao episódio de Campanha, com destaque para a do dia (15/05/1895). Ver.: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. Cit. p.68, 76, 79-80.

²⁸ HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914* [1988] - 28a ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020. (p.411-420)

²⁹ HOBBSAWM, Eric J. *As transformações do nacionalismo: 1870-1918*. In.: _____, *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* [1990] – 9ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2020.

fortes crises econômicas e do mercado, proporcionando um panorama de “decadência do litoral” para esses “paladinos malogrados”. Como consequência, deram prosseguimento ao círculo de debates que foi palco dos movimentos urbanos abolicionistas décadas antes. Imprensa, grupos literários e instituições são ambientes que promoveram a ignição de debates sobre nacionalidade onde muitos deles, como Euclides, voltariam suas questões para o outro: o “sertão”. “Mestiçagem”, “nação”, “civilização”, todos objetos específicos da pesquisa, são termos intertextuais que articulam a experiência do indivíduo com sua participação no debate político sobre nacionalidade, objeto geral do projeto.

Objetivos

O objetivo geral do projeto é estudar os textos de Euclides da Cunha dentro do seguinte recorte: o debate sobre nacionalidade e identidade da sociedade brasileira, dentro dos círculos de letrados na consolidação do regime republicano no Brasil. A problemática que dialoga com o objetivo é: dado o repertório compartilhado dessa classe de letras, como se dá o processo de assimilação, enunciação e debate nos escritos euclidianos?

A proposta geral surgiu de uma expansão da Iniciação Científica (PIBIC-CNPq), que estudou sobre a imagem do sertanejo em *Os sertões*. Com a expansão de fontes e bibliografias, o presente projeto de mestrado procura estender a compreensão da literatura euclidiana, estudando sua dimensão política através dos veios intercomunicativos entre Euclides e suas referências. Dessa maneira, um dos objetivos específicos do projeto são as apropriações euclidianas de outros discursos correntes ao construir sua participação no debate sobre “nação”.

Um outro objetivo específico do projeto é examinar a fundo os dilemas morais euclidianos sobre o debate de essência nacional. Seus ensaios e artigos, que precedem e sucedem *Os sertões*, colocam em pauta a relação “homem-meio” sob interações ora “negativas”, ora “positivas”. Esses desígnios de cunho moralista interagem com experiências sociais individuais e compartilhadas que merecem atenção. Essas interações, por sua vez, seguem um olhar de “autoexotismo”, onde o autor descreve uma paisagem exótica rural que é alheia ao espaço urbano. Barbárie-civilização, nação-estrangeiro, são binômios intrincados com a politização do tema.

Ainda outro objetivo específico é a relação entre autoimagem e recepção dos textos euclidianos. O alvo é estudar como Euclides se retrata diante da sociedade que critica e estuda, atualizando novos fatores à sua “nacionalidade” a medida em que incorpora novos temas em seu repertório. A recepção dos textos, por sua vez, explicita a maneira como a compreensão

histórica de seus textos fizeram com que a ideia de “essência nacional” em Euclides fosse inserida no debate corrente sobre o assunto.

Por fim, não poderíamos deixar de lado o processo de seleção de ideias estrangeiras na produção euclidiana. Buffon, Broca, Buckle, Gumpłowicz, Renan, Le Bon, Sighele; todos são autores que aparecem nas entrelinhas ou diretamente nos artigos e livros de Euclides. Estudados amplamente por Costa Lima, Luciana Murari e José Santana, suas influências e papéis nas conclusões euclidianas angariam categorias imprescindíveis na compreensão do debate nacionalista que o projeto se propõe a analisar. Sendo assim, “raça”, “meio”, “mestiçagem”, dentre outros termos, são vias de estudo que nos remetem ao objetivo principal do projeto.

Fontes

A fim de apresentar as fontes do projeto de maneira transparente, podemos dividi-las em duas naturezas. Sua divisão foi realizada de forma a explicitar os caminhos nos quais o projeto pretende alicerçá-las ao recorte da pesquisa. A primeira (a) é onde a maior parte do projeto se concentra: são as fontes de autoria do próprio Euclides da Cunha. Constam nesse leque ao menos dois subgrupos. No primeiro subgrupo temos: artigos de jornais (onde muitos seriam revisados e integrados em livros como *Contrastes & Confrontos* [1907] e *À margem da história* [1909]), ensaios, telegramas, diários e, claro, os livros, sendo *Os Sertões* (1902) um deles. Englobam-se aqui análises tanto internas a cada texto quanto intertextuais. Das primeiras, são estudos sobre conceitos, construções sociais e dilemas teóricos que estão dentro do recorte proposto pela pesquisa. Das segundas, são aspectos de historicidade das construções euclidianas acerca do que é “nação”. Um exemplo claro disto seria a figura do sertanejo, que de início é menosprezada³⁰, para em poucos meses ser o “cerne vigoroso” da nacionalidade.³¹

Já o segundo subgrupo dessas fontes seriam as cartas, onde Euclides registrou em grande parte seus dilemas, autoimagem, rede de relações interpessoais e *topoi* de discursos que lhe acompanharam durante vida. As bases metodológicas residem mais sobre como o projeto pode integrar relações interpessoais do autor às suas obras, contemplando análises sociais que tangenciem temas como “produção intelectual” e suas preocupações na consolidação do regime republicano no Brasil.³²

³⁰ CUNHA, Euclides da. *A nossa Vendéia*. [1897] In.: ____, *Canudos: diário de uma expedição* – 3. Ed. – São Paulo: Martin Claret, 2016.

³¹ CUNHA, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição* – 3. Ed. – São Paulo: Martin Claret, 2016. p.80.

³² Como exemplo dessa operação ver notas 21, 24 e 27 desse projeto.

Já as de segunda natureza (b) consistem em textos que precedem ou são coevos a Euclides, que circundam o debate que é recorte do projeto. Buscamos também adicionar a essa categoria a recepção crítica euclidiana: José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Júnior são alguns nomes de peso que analisaram o *magnum opus* do autor. Sendo assim, a união dessas duas frentes se dá pela maneira como ambas são abordadas: são fontes que contemplam os *circuitos de intelectualidade* por onde passou as enunciações de Euclides sobre o tema. Por um lado, obras como *História literária do Brasil* (1888) de Romero nos apresentam a circulação de repertórios caros para a intelectualidade brasileira do período. Por outro, a receptividade a *Os sertões* nos mostra como a enunciação euclidiana sobre o tema foi recebida dentro dessa mesma intelectualidade.

Dentro das fontes de segunda natureza temos também as que remetem a obras estrangeiras recorrentes nesses circuitos. Um dos estratagemas mais utilizados no debate sobre “nação” era a citação direta a nomes europeus e suas teorias. Repetidos à exaustão, esses autores estrangeiros incorporam uma tônica de autoridade dentro do debate nacional. Por outro lado, essas referências também eram utilizadas como ferramentas epistêmicas: teorias que reduzem experiências de realidade a modelos universais de conhecimento.

Discussão teórico-metodológica

Dando sequência ao exame das fontes do projeto, buscamos agora demonstrar o uso delas através da reflexão teórico-metodológica.

O recorte histórico do projeto é compreendido dentro de noções da sociologia que remontam círculos de sociabilidade. Nesse aspecto, os estudos de Alonso levantam um conceito imprescindível. *Repertório* é um conjunto de recursos intelectuais que está ligado a certa sociedade em um dado tempo.³³ Argumentos; teorias; práticas de escrita; esquemas explicativos; todas são modalidades que fazem parte desse conceito. Ciente disso, o projeto busca examinar a historicidade das fontes através de suas apropriações de outros textos e usos compartilhados de termos e categorias.

A Rússia é bárbara. E nesta condição está a sua força e a garantia permanente dos seus destinos. Entre a sociabilidade cortês, o sentimento da justiça e a receptividade intelectual latina e saxônica, penetrou dominadoramente o impulsivo e a selvageria do tártaro para criar o tipo histórico do eslavo, isto é, um intermediário de ambos, [...] refletindo os dous estádios sob todas suas formas [...] Culta demais para o caráter

³³ ALONSO, Ângela. Op. Cit. [2002]. p.39, 43-44..

asiático, inculta demais para o caráter europeu, funde-as. Não é a Europa, não é a Ásia, é a Eurásia desmedida [...] Ela aí chega retardatária.³⁴

O excerto acima de um ensaio de Euclides explana os repertórios que o acompanham nos temas sobre “nação”. O primeiro ponto a ser levantado é o termo “tipo histórico eslavo”. Derivado de uma noção de “raça histórica”³⁵, o termo é discussão presente em Gumpłowicz e Le Bon, ambos já da década de 1890, onde há fatores sociais e históricos na composição das “raças”. O termo raça, aqui, é tratado como um *tipo* psicologizante de uma sociedade, que caracteriza seu comportamento (“sociabilidade cortês”, “selvageria do tártaro”). Dessa forma, ao remeter-se a uma história da formação do “tipo eslavo”, Euclides pretende traçar a história da Rússia. O “tipo” é a maneira como o autor *reduz* a sociedade em poucos arquétipos, capaz assim de trilhar seu conhecimento sobre ela através de causas encadeadas.

Outro repertório importante para o trecho é a noção de “embriogenia do espírito humano”. Retirada de Ernest Renan, o processo de estudo racial é submetido à possibilidade de encontrar diferentes sociedades em diferentes “estádios” de evolução. Daí o porquê de a Rússia chegar ao cenário europeu como “retardatária”. Ela representa os “dous estádios” das “raças” que a compõe: da Ásia e da Europa, uma “atrasada” em relação à outra. O termo “raça” já ocupa aqui outra esfera do repertório: um conceito que concentra mais os aspectos biologizantes do processo de miscigenação. Para Euclides, a história de uma “Nação” é inalienável do conceito de “raça”, somando aspectos “biológicos” e “sociais”.³⁶

A noção de repertório, por sua vez, está em diálogo também com a de *apropriação*. Segundo Chartier, é o processo que buscamos compreender através de uma História social das interpretações que leva em conta fatores institucionais, sociais e culturais.³⁷ Na leitura de um texto, por exemplo, seria como os fatores supracitados determinam a construção de sentidos pelo leitor. Para o projeto, a maneira como Euclides emprega conceitos de outros autores é um objetivo específico que remete à operação de *apropriação*, em profundo diálogo com um

³⁴ CUNHA, Euclides da. *Pela Rússia* [1904]. In.: ____, Op. Cit. (2018a). p.135-136.

³⁵ A “raça histórica” é um conceito de “raça” ligado à especialização maior de um campo das ciências sociais em fins do XIX. Para ela, a interação entre raças é sinônimo de uma interação entre sociedades, que mobilizam causas históricas e sociais que compõem as nações. Ver: GUMPLOWICZ, Ludwig (1838-1909). *La lutte des races: recherches sociologiques*; trad. de M. Charles Baye. 1893. Para Le Bon, a “integridade” /uniformidade dessas raças era característica vital de uma sociedade, pois determinavam seu comportamento através da hereditariedade, evitando o “alienamento” através das “multidões”. Ver.: LE BON, Gustavo. *Psychologia das multidões* [1895]. Livraria Garnier – Rio de Janeiro. 1922. p.143-149.

³⁶ A união desses aspectos foi o que formou o panorama da figura sertaneja em *Os sertões*, e dos caucheiros em *À margem da história*. São, assim, caracterizados por arquétipos psicologizantes abstraídos de sentidos comuns, por sua vez reforçados pelo uso de preceitos cientificistas, como atesta o exemplo acima.

³⁷ NAVARRETE, Eduardo. “Roger Chartier e a Literatura”. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, v. 2 n° 3 p. 23-56 Set./Dez. 2011. p.43.

contexto histórico de sua formação intelectual. Estudar esse processo seria o equivalente a compreender sua chave de leitura, seu filtro que enfatiza certos conceitos enquanto oculta outros, buscando fugir de contradições por usar autores distintos num mesmo corpo textual.³⁸

Se há o repertório, por outro lado há também o espaço em que este circula. Os circuitos de sociabilidade são indivíduos que compartilham experiências, espaços e saberes em comum.³⁹ Por sua vez, veiculam e compartilham outros conhecimentos, apropriando-os de maneira a enunciar novas questões.

Alguns firmando preliminarmente, com autoridade discutível, a função secundária do meio físico e decretando preparatoriamente a extinção quase completa do silvícola e a influência decrescente do africano depois da abolição do tráfico, prevêem a vitória final do branco [...] ⁴⁰

O trecho acima de *Os sertões* é uma clara inserção de Euclides dentro do circuito de teorias brasileiras sobre raça e nacionalidade. No caso específico, é uma referência explícita a Sílvio Romero e sua crença no embranquecimento populacional dentro de suas obras da década de 1880. Através desse exame, compreendemos que estudar as fontes euclidianas não é apenas atender para seu repertório estrangeiro, mas também para seu reconhecimento de autores brasileiros e sua intervenção no debate.

O projeto entende as produções euclidianas também como enunciações. Parte de um processo de se inscreverem dentro de um circuito de autores e leitores, os textos de Euclides se resvalam para temas que são objetos de debate dentro dos circuitos de sociabilidade em que frequenta.

Um discurso não é feito de frases, mas de frases enunciadas ou, mais sucintamente, de enunciados. Ora, a interpretação do enunciado é determinada, por um lado, pela frase que se enuncia e, por outro, por sua própria enunciação. Essa enunciação inclui um locutor que enuncia, um receptor a quem se dirige, um tempo e um lugar, um discurso que precede e que se sucede; em suma, um contexto de enunciação. Ainda em outros termos, um discurso é sempre e necessariamente um ato de fala.⁴¹

Seguindo Todorov, o projeto prevê um estudo que contemple um *contexto de enunciação*. Examina, através dos circuitos de sociabilidade, as leituras que precedem e sucedem a confecção dos textos de Euclides. Segundo Chartier, essa dinâmica é a compreensão

³⁸ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso; Tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão de Hilário Franco Jr. – 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.72.

³⁹ ALONSO, Ângela. Op. Cit. [2002]. p.42-43.

⁴⁰ CUNHA, Euclides da. Op. Cit. [2018b]. p.156.

⁴¹ TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso* [1978]; traduzido por Nícia Adan Bonatti. - São Paulo: Editora Unesp, 2018. p.65.

de como se dá o texto: com enunciado, enunciador e leitor, o texto enquanto fonte é para a história uma gama de significados possíveis dentro de seu contexto.⁴² É aqui que se formam as leituras possíveis de textos que, tanto para Euclides como para seus críticos, interagem com temas que são recorrentes em seus contextos históricos.

Esse processo de apropriação revela um problema de ordem teórica: seriam as ciências apresentadas por Euclides precedidas por algum crivo? Costa Lima sugere para *Os sertões* um exame não “do consórcio entre ciência e a arte”, mas sim daquilo que precede o discurso,⁴³ a “essencialidade nacional” que seria uma herança ainda do romantismo do Império.

O projeto busca então examinar várias fontes de diferentes gêneros textuais para contemplar sua análise. Em *As Catas* (1894)⁴⁴, ensaio redigido enquanto o autor se encontrava em Campanha (MG), há a experimentação pessoal entre sujeito e natureza, de maneira a se apropriar desta experiência para os debates sobre nacionalidade. Os temas derivam entre paz natural e ambição humana, onde a historicidade do povoamento da região pode ser contada, segundo o autor, pelas ruínas na paisagem. Euclides dialoga inclusive com a construção do *bandeirante* na história nacional, outro lugar-comum no debate sobre “nação” de seu contexto.

Estes [os bandeirantes], que podiam constituir o nosso único título para uma epopeia brasileira, têm, é certo, à primeira vista, nas marchas aventurosas, lampejos de historicidade. Seguir-lhes a rota, porém, é procurar os cenários de espantosos dramas. Realizam uma antítese assustadora – invadiram a própria pátria. Sem um ideal, jungidos à vertigem da riqueza [...] a sua marcha não foi [...] o seio de uma nacionalidade futura [...]⁴⁵

Reconhecendo a epopeia bandeirante do século XIX, o autor insere-a numa posição de desconforto ao examinar as ruínas de povoados em Minas Gerais: o legado negativo da atividade bandeirante. Para o autor a falta de um ideal, função imprescindível para a nacionalidade, acaba por não fixar o gênero humano à terra: “a febre esterilizadora, o bafejo causticante da ambição humana”⁴⁶ é a ganância material dos bandeirantes, que se ocupam “na faina de procriar ruínas”⁴⁷, não povoando e “civilizando” o interior do território. São aspectos morais, atestados historicamente através das “ruínas”, que compõem o repertório euclidiano sobre nação.

⁴² CHARTIER, Roger, Debate: Literatura e História. Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, Janeiro - Dezembro de 2000, pp. 197-216.

⁴³ LIMA, Luiz Costa. Op. Cit. [1997]. p.52-56.

⁴⁴ CUNHA, Euclides da. *As catas*. [1894] In.: Op. Cit. [2018a]. p.73.

⁴⁵ Ibidem. p.76.

⁴⁶ Ibidem. p.77.

⁴⁷ Ibidem. p.78.

Entretanto, há uma reflexão teórica a se fazer acerca dos “tipos” humanos que Euclides atribuiu em seus escritos. De acordo com Murari⁴⁸ e Schwarcz⁴⁹, um dos contextos em que se encontra a reflexão euclidiana é a do “autoexotismo”, que configuraria um movimento de “imperialismo interno”: um movimento de conquista dentro do próprio território nacional. Os conceitos remetem a uma operação de alteridade onde o urbano só concebe o campo – sertões – dentro de uma relação dicotômica. Forma-se assim as antíteses civilização-barbárie, copioso-genuíno e dinâmico-pacato. Por sua vez, essa configuração prevê um movimento de reconhecimento e assimilação onde o genuíno, o interior sertanejo, “deve” ser integrado ao circuito que forma o “território nacional”. A oficialidade, a República residida no meio urbano “civilizado”, como sujeito ativo do processo de formação nacional.

Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pinturesca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria.⁵⁰

Euclides assimila “pátria” como um conjunto de fatores que se traduzem na integração entre indivíduos em um mesmo território. Por conta disso, vê no deslocamento para os sertões um problema para a questão nacional: como integrar as partes separadas de um mesmo território? Para o autor, a desagregação é um problema, pois “deplora a situação nacional”. Por sua vez, esse cenário é resultado de uma “República de Empréstimos”, desviada em copiar aspectos do outro continente ao invés de se preocupar com seu “cerne”.

Esse nexos é vital para a compreensão euclidiana de “cerne da nacionalidade”⁵¹. Ao realizar essa afirmação acerca do tipo sertanejo, projeta ao sertão uma posição de genuinidade, geometricamente oposta ao litoral urbano “copioso”. Por conseguinte, atesta a inocência do sertanejo no conflito de Canudos, legitimando-o com vistas para processo de assimilação nacional.

[O fracasso das expedições republicanas a Canudos] Revelou que pouco nos avantajáramos aos rudes patrícios retardatários. Estes, ao menos, eram lógicos. Insulado no espaço e no tempo, o jagunço, um anacronismo étnico, só podia fazer o que fez – bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de o enjeitar cerca de

⁴⁸ MURARI, Luciana. *O culto da diferença: imagens do Brasil entre exotismo e nacionalismo*. / Revista de História – n. 141 – FFLCH-USP - (1999), pp. 45-58.

⁴⁹ SCHWARCZ, Lilia M. Op. Cit. [1997].

⁵⁰ CUNHA, Euclides da. Op. Cit. [1902] [2018b]. p.677.

⁵¹ CUNHA, Euclides da. Op. Cit. [1897] [2016]. p.80.

três séculos, procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas. Reagiu. Era natural.⁵²

Redimindo o sertanejo da culpabilidade do conflito, Euclides tem em mente a sugestão que fez em seu diário: o dever de incorporá-lo à civilização.⁵³ O trecho acima mostra como que o autor, com ironia aguda, critica veementemente a ação republicana de retaliar Canudos através do conflito militar, sociedade que antes rejeitou durante três séculos.⁵⁴ O “brilho da civilização” era “o clarão de descargas”, uma contradição. Logo, o sertanejo se defendeu. O cenário de Canudos é, para o Estado que “deveria” promover a construção nacional, “um crime”: é o “crime da nacionalidade” que Euclides faz referência ao final de seu texto.⁵⁵ O recorte do tema não é apenas a construção do que é “nação”, mas também como se dá a hegemonia do Estado republicano e seus papéis dentro da literatura euclidiana.

Para concluir, a recepção euclidiana do período não fugiu em muito da autoimagem que Euclides deixou para sua obra. Entretanto, variou nos aspectos que contemplavam. A recepção famosa de José Veríssimo, a quem *Os sertões* deve parte de seu sucesso, se repete sobre o caráter duplo de ciência-literatura.⁵⁶ Já a recepção de Araripe Júnior⁵⁷ é mais esmiuçada: defende sua posição sobre a *obnubilação*, fenômeno onde o clima dos trópicos afeta o colono que chega no Brasil, vendo em Euclides uma continuidade de seu projeto. Sua análise aponta para áreas específicas do que considera “ciência” em *Os sertões*, destacando a sociologia, a geologia e a psicologia. Esse destaque é interessante para o projeto na medida em que sinaliza quais aspectos são de maior destaque para o que a intelectualidade do período chamava de “ciências”.

Por fim, a recepção de Sílvio Romero, realizada no ingresso de Euclides da Cunha na ABL (1903), nos remete novamente ao processo de autoexotismo.

O que mais despertou [...] a atenção dos leitores foi o estilo [...] além do assunto, que parecia longínquo, exótico, inesperado à grande maioria dum público sofrivelmente ignorante, como o do Rio de Janeiro e do Brasil em geral. [...] Duas coisas o mostravam de pronto: a trama das ideias, onde se sentia o vinco de certas doutrinas

⁵² CUNHA, Euclides da. Op. Cit. [1902] [2018b]. p.502.

⁵³ CUNHA, Euclides da. Op. Cit. [1897] [2016]. p.80.

⁵⁴ Ver nota 20 deste projeto.

⁵⁵ CUNHA, Euclides da. Op. Cit. [1902] [2018b]. p.781.

⁵⁶ VERÍSSIMO, José. *Uma história dos sertões e da campanha de Canudos*. In.: Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época / preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo do Nascimento. – São Paulo: Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

⁵⁷ JÚNIOR, Araripe. *Os sertões* (Campanha de Canudos por Euclides da Cunha). In.: Ibidem.

sérias acerca de questões brasileiras, e o interesse pela genuína população nacional, a grande massa rural e sertaneja, na qual palpita mais forte o coração da raça.⁵⁸

A ignorância do meio urbano ante a “originalidade” do campo era retórica comum do circuito de letrados que Euclides participou. O uso instrumental das ciências, por sua vez, seria o tom de “autoridade” do discurso para a formulação de cenários onde se imaginasse a integração de um território. Os sertões seriam, para Euclides, não apenas as paragens do deserto, e sim tudo aquilo alheio ao litoral.⁵⁹ Optar por deslocar o “cerne da nacionalidade” para o exótico é, além de uma articulação cientificista, uma posição política declarada para sua receptividade.

À guisa de conclusão, buscamos percorrer parte de nosso corpo de fontes entremeado por uma discussão teórica e metodológica. Resumidamente, o projeto enxerga em suas fontes tanto dentro do caráter literário de gêneros textuais, quanto como enunciações em um debate contextualizado em circuitos de sociabilidade. Sendo assim, há uma intersecção literária e sociológica, mediada pelo exame historiográfico exposto acima. Por sua vez, problemas teóricos como o autoexotismo e a apropriação são meios de problematizarmos o recorte do projeto.

Justificativa

O presente projeto busca, para efeito de enunciar seus objetivos: (a) compreender processos políticos e sociais dentro de *topoi* recorrentes tanto em Euclides como em outras obras que compõem o círculo de enunciado em que estão inseridas; (b) esmiuçar construções literárias que tangenciam o assunto sobre “nação”: sertanejo, raça, meio, cerne, sertão e integração; (c) construir veios comunicativos entre a literatura euclidiana e sua contemporaneidade, a fim de promover diálogo direto com fenômenos histórico-sociais que possibilitam a expansão deste projeto para horizontes maiores.

A bibliografia posta em discussão neste projeto trabalha extensamente várias das construções euclidianas. Costa Lima, Murari e Santana realizaram extensas pesquisas sobre conceitos, aspectos e dilemas da apropriação euclidiana de teorias cientificistas europeias. O presente projeto parte dessas pesquisas para expandir o recorte, problematizando o processo

⁵⁸ ROMERO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. In.: História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949, tomo V.

⁵⁹ Por isso mesmo, chama de “sertões” a floresta amazônica: “É incalculável o número de minúsculas batalhas travadas naqueles sertões [...]”. CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. – São Paulo: Editora Unesp, 2009. P.108.

através de outro eixo: como que os circuitos de sociabilidade sensíveis à produção euclidiana influenciaram seus crivos na hora de formar um corpo europeu de teorias? Le Bon, Gumpłowicz, Renan são apenas alguns nomes de uma extensa lista que aparece em Euclides. Suas teorias, no entanto, não são uníssonas, para além de sofrerem extensas adaptações.⁶⁰ Compreender o processo de *apropriação* é objeto fundamental que busca expandir o campo de pesquisa das obras euclidianas.

Por outro lado, recortar o tema de “nacionalismos” foi essencial para o projeto, na medida em que busca um escopo maior de fontes. Ao realizar esse processo, almejamos buscar em outras obras do contexto um tema que as coloquem em diálogo, permitindo uma pesquisa que extravase a análise das fontes de Euclides. As pesquisas de Sevcenko, Schneider e Souza⁶¹ são referências que tangenciam um contexto histórico que permitem o diálogo com outros intelectuais coevos ao autor.

Pesquisar Euclides da Cunha dentro de um debate amplo e recorrente como “o que é nação brasileira?” é uma ferramenta importante para remontar os círculos de intelectualidade que se debruçaram sob a tarefa. Discute, também, papéis sociais que atribuem funções para o Estado e a sociedade, onde a nação é a liga em que se dá os processos justificação do papel do governo. O projeto insere-se então numa função de diálogo entre o particular e o contexto, Euclides e os *topoi* recorrentes na consolidação do regime republicano.

Cronograma de trabalho

ATIVIDADE/MÊS 2022	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
Ampliação da bibliografia e das fontes de Euclides	X	X	X	X	X	X	X					
Concentração nas disciplinas	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Bibliografia contexto e fontes de outros autores							X	X	X	X	X	X
ATIVIDADE/MÊS 2023												
leituras e fichamentos	X	X	X	X	X	X	X					
Escrita do texto e finalização	X	X	X	X	X	X	X					

⁶⁰ Euclides modifica em vários aspectos os teóricos europeus que cita. Para exemplos em *Os sertões* ver: CUNHA, Euclides da. Op. Cit. [1902] [2018b] p. 153, 202, 781.

⁶¹ SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade nacional e modernização na historiografia brasileira: o diálogo entre Romero, Euclides, Cascudo e Freyre*. Tese de doutorado. FAFICH-UFMG, 2006.

Fontes

- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. – São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição* – 3. Ed. – São Paulo: Martin Claret, 2016.
- CUNHA, Euclides da. *Ensaio e Inéditos* / Euclides da Cunha; Leopoldo M. Bernucci, Felipe Pereira Rissato (Orgs.); – São Paulo: Editora Unesp, [2018a].
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Edição; prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. – 5. ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP editora, [2018b].
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Correspondência de Euclides da Cunha* / Walnice Nogueira Galvão, Oswaldo Galotti. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- GUMPLOWICZ, Ludwig (1838-1909). *La lutte des races: recherches sociologiques*; trad. de M. Charles Baye. 1893.
- JÚNIOR, Araripe. *Os sertões* (Campanha de Canudos por Euclides da Cunha). In.: Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época / preparação do texto de Valentim Facioli e José Leonardo do Nascimento. – São Paulo: Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.
- LE BON, Gustavo. *Psychologia das multidões* [1895]. Livraria Garnier – Rio de Janeiro. 1922.
- MARTIUS, Carl Friedrich P. von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro: RIHGB, T. 6, p.389-411, 1844.
- ROMERO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. In.: História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949, tomo V.
- VERÍSSIMO, José. *Uma história dos sertões e da campanha de Canudos*. In.: Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época – São Paulo: Nankin Editorial: Editora Unesp, 2003.

Bibliografia

- AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos Trópicos* – tradução Geraldo Gerson de Souza. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- ALONSO, Ângela. *Flores, Votos e Balas: O Movimento Abolicionista Brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. - São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BERNUCCI, Leopoldo M. *Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os Sertões*. REVISTA USP, São Paulo, n 54, p 6-15. junho/agosto 2002.
- CASTRO, Celso. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CHARTIER, Roger, Debate: Literatura e História. Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, Janeiro – Dezembro de 2000, pp. 197-216.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso – 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* [1990] – 9ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914* [1988] - 28a ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *Terra Ignota: A construção de Os Sertões* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões*. - São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

MURARI, Luciana. *O culto da diferença: imagens do Brasil entre exotismo e nacionalismo*. / Revista de História – n. 141 – FFLCH-USP - (1999), pp. 45-58.

NAVARRETE, Eduardo. “Roger Chartier e a Literatura”. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, v. 2 nº 3 p. 23-56 Set./Dez. 2011. p.43.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e da arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais* – São Paulo: Hucitec – Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* [1983]. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.93-128.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Capítulos de história intelectual: racismos, identidades e alteridades na reflexão sobre o Brasil*. – 1ª ed. – São Paulo: Alameda, 2019.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Machado de Assis e Silvio Romero: escravidão, “raça” e cientificismo*. Almanack, Guarulhos, n. 18 p. 451-488, Abr. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930* - São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade nacional e modernização na historiografia brasileira: o diálogo entre Romero, Euclides, Cascudo e Freyre*. Tese de doutorado. FAFICH-UFMG, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*, v.1 – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1993.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso* [1978]; traduzido por Nícia Adan Bonatti. - São Paulo: Editora Unesp, 2018.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914* / Roberto Ventura. - São Paulo: Companhia das Letras, 1991.